

## As pulsões e destinos de pulsão<sup>1</sup>

Sigmund Freud

Ouvimos freqüentemente a exigência de que uma ciência deve estar construída sobre conceitos fundamentais claros e precisamente definidos. Na realidade, nenhuma ciência começa com tais definições, nem as mais exatas. O início correto da atividade científica consiste, em vez disso, na descrição de fenômenos, que são agrupados, ordenados e postos em contexto. Já na descrição não se pode evitar o emprego de certas idéias abstratas no material, as quais são evocadas de algum lugar – certamente não apenas a partir da nova experiência. Ainda mais indispensáveis são tais idéias – os conceitos fundamentais posteriores da ciência – na subsequente elaboração do material. Elas têm que, inicialmente, possuir em si certa medida de indeterminação; não se pode falar de um claro delineamento de seu conteúdo. Enquanto elas se encontram nesse estado, alcança-se consenso sobre seu significado através da repetida referência ao material da experiência, do qual elas parecem extraídas, mas que, na verdade, se submete a elas. Portanto, elas têm, a rigor, o caráter de convenções, mas o que importa é que elas não são escolhidas arbitrariamente, mas, sim, estão determinadas através de relações significativas com o material, as quais se supõem adivinhar, até mesmo antes de se poder conhecê-las e demonstrá-las. Somente após uma pesquisa mais profunda do âmbito fenomênico em questão, podem-se apreender mais precisamente também seus conceitos científicos fundamentais /211/ e mudá-los progressivamente de tal modo que se tornem utilizáveis em um grande âmbito e, assim, totalmente livres de contradição. Então pode ser a hora de fixá-los em definições. O progresso do conhecimento, entretanto, não suporta rigidez das definições. Tal como o exemplo da Física ensina de modo brilhante, os “conceitos fundamentais” fixados nas definições sofrem sempre alterações de conteúdo.

Um conceito fundamental convencional, por enquanto ainda bastante obscuro, mas que nós não podemos dispensar na psicologia, é o de *pulsão*. Procuremos dar-lhe conteúdo a partir de vários ângulos.

Primeiramente, do ponto de vista da fisiologia. Esta nos deu o conceito do *estímulo* e o esquema reflexo, segundo o qual um estímulo vindo *de* fora para o tecido vivo (da substância enervada) é descarregado *para* fora. Essa ação tem a finalidade de retirar a substância da influência do estímulo, de afastá-la do âmbito de ação dele.

Como se compara a “pulsão” ao “estímulo”? Nada nos impede de subsumir o conceito de pulsão sob o de estímulo: a pulsão seria um estímulo para o psíquico. Mas somos imediatamente avisados para não igualar pulsão e estímulo psíquico. Há, evidentemente, outros estímulos para o psíquico além dos pulsionais, aqueles que se comportam bem mais semelhantemente aos estímulos fisiológicos. Se, por exemplo, uma luz forte incide sobre o olho, isso não é um estímulo pulsional; mas seria o caso quando a secura da garganta ou a acidez do estômago se tornam perceptíveis.<sup>2</sup>

Já adquirimos material para a diferenciação do estímulo pulsional de outro (fisiológico), que age no psíquico. Primeiro: o estímulo pulsional não provém /212/ do mundo externo, mas, sim, do interior do próprio organismo. Ele age,

---

<sup>1</sup> Tradução de Verlaine Freitas, a partir de: FREUD, Sigmund. *Triebe und Triebchicksale*. In: \_\_\_\_\_. *Gesammelte Werke*, vol.X. Frankfurt am Main: Fischer, 1999, pp.209-232. Os números entre barras /###/ referem-se às páginas do original.

<sup>2</sup> Pressupondo-se que estes processos internos sejam as causas orgânicas das necessidades de sede e de fome.

portanto, de modo diverso no psíquico e exige outras ações para sua remoção. Segundo: todo o essencial para o estímulo está dado se aceitamos que ele age como um impulso único; ele pode, então, ser descarregado através de uma única ação, cujo caso típico pode-se colocar a fuga motora da fonte do estímulo. Naturalmente que esses impulsos podem também repetir-se e aumentar, mas isso não muda nada na apreensão do processo e nas condições da superação do estímulo. A pulsão, ao contrário, nunca age como uma *força motora momentânea*, mas, sim, sempre como uma força *constante*. Dado que ela influencia, não de fora, mas sim a partir do interior do corpo, de nada serve fugir dela. Denominamos melhor o estímulo pulsional como “carência”; o que suprime essa carência é a “satisfação”. Ela somente pode ser conseguida através de uma modificação propositada (adequada) da fonte interna do estímulo.

Coloquemo-nos no ponto de vista de um ser vivo quase totalmente sem ajuda, ainda desorientado no mundo, e que recebe estímulos em sua substância nervosa. Este ser logo chegará à condição de fazer uma primeira diferenciação e de obter uma primeira orientação. Ele perceberá, por um lado, estímulos dos quais pode se livrar através de uma ação muscular (fuga); mas, por outro lado, também estímulos contra os quais uma tal ação permanece inútil, e que mantêm seu caráter constantemente pressionante; estes estímulos são o sinal de um mundo interior, a prova para as carências pulsionais. A substância perceptiva do ser vivo obterá na sua atividade muscular um ponto de vista para distinguir um “externo” de um “interno”.

Encontramos, assim, a essência da pulsão, inicialmente, em suas características principais: a origem das fontes de estímulo no interior do organismo e seu surgimento como força constante, e derivamos daí /213/ uma de suas outras propriedades: sua resistência a ações de fuga. Durante essas explicações, deveríamos atentar para algo que nos leva a outras idéias. Nós não apenas invocamos certas convenções como conceitos fundamentais em nosso material de experiência, mas, também, servimo-nos de várias *pressuposições* complexas, a fim de nos guiarmos na elaboração do mundo dos fenômenos psicológicos. A mais importante dessas pressuposições nós já indicamos; resta-nos, ainda, salientá-la explicitamente. Ela é de natureza *biológica*, trabalha com o conceito de tendência (eventualmente de finalidade) e diz: o sistema nervoso é um aparelho que possui a função de afastar os estímulos recebidos, rebaixá-los o máximo possível, ou – se fosse possível – manter-se em geral sem estímulo. Não objetemos nada à inadequação dessa idéia por enquanto e demos ao sistema nervoso a tarefa de, em termos gerais, *controlar os estímulos*. Vemos, então, o quanto a introdução das pulsões complica o simples esquema reflexo fisiológico. Os estímulos externos colocam somente a tarefa de se esquivar a eles; isso acontece, então, através de movimentos musculares, dos quais um finalmente alcança o objetivo e, então, torna-se, enquanto disposição orientada, uma disposição hereditária. Os estímulos pulsionais surgidos no interior do organismo não são satisfeitos por esse mecanismo. Eles colocam, portanto, exigências bem mais elevadas ao sistema nervoso, induzem-no a atividades entrelaçadas, sobrepostas, que modificam o mundo exterior em tal extensão, que oferecem satisfação à fonte interna de estímulo e sobretudo forçam tal sistema a desistir de sua intenção de eliminação de estímulo, pois eles mantêm uma torrente de estímulos contínua e inevitável. Poderíamos, assim, concluir que são as pulsões e não os estímulos externos os motores propriamente ditos do progresso, as quais elevaram o infinitamente potente sistema nervoso a seu /214/ nível atual de desenvolvimento. Naturalmente, nada impede admitir que as próprias pulsões, pelo menos em parte, sejam sedimentos de

efeitos de estímulos externos, que, no decurso da filogênese, influenciaram modificações na substância viva.

Se observamos que a atividade até mesmo dos aparelhos psíquicos mais desenvolvidos submete-se ao *princípio de prazer*, ou seja, é regulada automaticamente pelas sensações da série prazer-desprazer, então dificilmente podemos rejeitar a outra pressuposição de que essas sensações repetem o modo como o controle de estímulo a precede. Isso certamente no sentido de que a sensação de desprazer tem a ver com o aumento, e a de prazer com a diminuição, do estímulo. Queremos manter cuidadosamente a enorme imprecisão dessa idéia até que consigamos descobrir o tipo da relação entre prazer-desprazer e as variações das intensidades de estímulo que agem na vida psíquica. Certamente são possíveis múltiplas dessas relações e não muito simples.

Se nos voltamos do lado biológico para a consideração da vida psíquica, então a “pulsão” nos aparece como um conceito-limite entre o psíquico e o somático, como representante psíquico dos estímulos oriundos do interior do corpo que alcançam a psique, como uma medida da exigência de trabalho que é imposta ao psíquico em decorrência de sua conexão com o corpóreo.

Podemos agora discutir alguns termos que se ligam com o conceito “pulsão”, como: pressão, meta, objeto, fonte da pulsão.

Sob a *pressão* de uma pulsão entende-se seu aspecto motor, a soma de força ou a medida de exigência de trabalho que ele representa. O caráter pressionante é uma propriedade universal das pulsões, até sua essência. Toda pulsão é um fragmento de atividade; se se fala com desleixo /215/ de pulsões passivas, não se pode visar a nada mais que pulsões com finalidade passiva.

A *meta* de uma pulsão é sempre a satisfação, que somente pode ser alcançada através da supressão do estado do estímulo na fonte da pulsão. Mas, mesmo se esta finalidade última permanece invariável para toda pulsão, entretanto diversos caminhos conduzem para essa finalidade última, de tal modo que podem surgir várias metas próximas ou intermediárias para uma pulsão, que se combinam entre si ou se permutam. A experiência permite-nos falar também de pulsões “inibidas quanto à meta” em processos que caminham um pouco na direção da satisfação pulsional, mas que experimentam um impedimento ou desvio. É de se admitir que uma satisfação parcial esteja ligada também com tais processos.

O *objeto* da pulsão é aquele em que ou através de que a pulsão pode alcançar sua finalidade. Ele é o mais variável na pulsão, não ligado a ela originalmente, mas, sim, apenas em consequência de sua aptidão para possibilitar a satisfação. Não é necessário que seja um objeto estranho, também pode ser uma parte do próprio corpo. Ele pode, no decurso do destino vital da pulsão, ser freqüentemente trocado fortuitamente; esse deslocamento da pulsão desempenha os mais importantes papéis. Pode ocorrer que o mesmo objeto sirva simultaneamente à satisfação de várias pulsões; segundo Alfred Adler, é o caso do *cruzamento pulsional*. Uma ligação particularmente íntima da pulsão com o objeto é salientada como *fixação* dela, que se realiza freqüentemente em períodos bem precoces do desenvolvimento pulsional e põe um fim à mobilidade da pulsão, na medida em resiste intensivamente à separação.

Sob a *fonte* da pulsão entende-se aquele processo somático em um órgão ou parte do corpo, cujo estímulo na vida psíquica é representado pela pulsão. Ignora-se se este processo é de natureza regularmente química ou /216/ se pode corresponder à liberação de outras forças, por exemplo, mecânicas. O estudo das fontes pulsionais não pertence mais à psicologia; apesar de a proveniência de fontes somáticas ser o decisivo para a pulsão, esta é conhecida por nós na vida psíquica

através de suas metas. O conhecimento mais preciso das fontes pulsionais não é indispensável para os objetivos da pesquisa psicológica. Algumas vezes é seguro concluir, a partir da finalidade da pulsão, qual é sua fonte.

Dever-se-ia admitir que as diversas pulsões oriundas do corpóreo que agem no psíquico sejam delineadas por diversas qualidades e, assim, comportem-se de modo qualitativamente diverso no psíquico? Isso não parece justificado; é suficiente admitir que todas as pulsões sejam qualitativamente do mesmo tipo e devam seu efeito à intensidade da excitação causada por elas, talvez ainda a certas funções dessa quantidade. O que diferencia as realizações psíquicas das pulsões individuais entre si pode ser remetido à diversidade das fontes pulsionais. Somente em um contexto posterior poder-se-á esclarecer o problema da qualidade da pulsão.

Quais pulsões podem-se identificar e quantas? Há nisso obviamente um grande espaço de manobra para o arbítrio. Nada se pode objetar quando alguém emprega o conceito de uma pulsão de jogo, de destruição, de companhia, em que o objeto o exige e a limitação da análise psicológica o permite. Não se deve deixar de atentar à questão de se estes motivos pulsionais tão especializados não permitem uma divisão posterior na direção das fontes pulsionais, de tal modo que somente as pulsões primordiais que não mais se dividiriam possam ser significativas.

Sugeri diferenciar nessas pulsões primordiais dois grupos: o das *pulsões do eu* ou da *autoconservação* /217/ e o das *pulsões sexuais*. Essa posição não contém necessariamente uma pressuposição, por exemplo, da admissão de uma tendência biológica do aparelho psíquico (veja-se acima); ela é uma mera construção auxiliar, que deve ser mantida apenas enquanto se mostrar útil, e sua substituição através de uma outra mudará pouco nos resultados de nosso trabalho descritivo ou ordenador. O ensejo dessa posição resulta da história do desenvolvimento da psicanálise, que tomou como primeiro objeto as psiconeuroses – e, na verdade, seu grupo designável como “neuroses de transferência” (histeria e neurose obsessiva) – e discerniu nelas que há um conflito entre os anseios da sexualidade e os do eu na raiz de cada uma dessas afecções. É sempre possível que um estudo profundo das outras afecções neuróticas (sobretudo das psiconeuroses narcísicas, a esquizofrenia) force a uma mudança dessa fórmula e, assim, a um outro agrupamento das pulsões primordiais. Atualmente, entretanto, não conhecemos essa nova fórmula e também não encontramos ainda um argumento desfavorável à contraposição das pulsões do eu e as sexuais.

Considero totalmente duvidoso se será possível, com base na elaboração do material psicológico, conseguir sinais decisivos para separar e classificar as pulsões. Parece mais necessário, para essa elaboração, fazer algumas hipóteses sobre a vida das pulsões no material, e seria desejável que se obtivessem essas hipóteses em um outro âmbito, para transferi-las para a psicologia. O que a biologia fornece sobre isso não contraria a separação das pulsões do eu e sexuais. A biologia ensina que a sexualidade não deve ser igualada às outras funções do indivíduo, pois suas tendências extrapolam-no e /218/ têm como conteúdo a produção de novos indivíduos, portanto a manutenção da espécie. Ela nos mostra, ainda, que duas concepções da relação entre o eu e a sexualidade situam-se lado a lado igualmente justificadas; de acordo com a primeira, o indivíduo é o principal e valoriza a sexualidade como uma de suas atividades, a satisfação sexual como uma de suas carências; de acordo com a segunda, o indivíduo é um apêndice temporário e passageiro no germoplasma *quasi* infinito, que lhe confiou a tarefa da geração. A hipótese de que a função sexual se separa dos outros processos corporais através de

uma química especial constitui, tanto quanto sei, também uma pressuposição da pesquisa biológica de Ehrlich.

Dado que o estudo da vida pulsional a partir da consciência oferece dificuldades quase intransponíveis, a pesquisa psicanalítica dos distúrbios psíquicos permanece a fonte principal de nosso conhecimento. De acordo com seu desenvolvimento, entretanto, a psicanálise até agora pode trazer algumas informações em certa medida satisfatórias apenas sobre as pulsões sexuais, porque ela pôde observar isoladamente apenas esse grupo de pulsões nas psiconeuroses. Com a ampliação da psicanálise a outras afecções neuróticas, nosso conhecimento das pulsões do eu também será fundamentado, embora pareça desmesurado esperar semelhantes condições favoráveis para a observação nesse âmbito de pesquisa mais amplo.

Para uma caracterização geral das pulsões sexuais pode-se dizer o seguinte: elas são numerosas, provêm de múltiplas fontes orgânicas, agem inicialmente de modo independente uma da outra e somente mais tarde são reunidas em uma síntese mais ou menos completa. A finalidade que cada uma delas almeja é alcançar o *prazer de órgão*; somente depois de uma síntese completa põem-se a serviço da *função reprodutiva*, com o que elas são reconhecíveis em geral como pulsões sexuais. Em seu primeiro surgimento, elas se apoiam inicialmente nas /219/ pulsões de autoconservação, das quais elas se separam só gradualmente, seguindo também na descoberta do objeto os caminhos que as pulsões do eu lhes mostram. Uma parte delas permanece ligada às pulsões do eu ao longo da vida e lhes fornece componentes libidinosos, que são facilmente despercebidos durante a função normal e somente se tornam claros no adoecimento. Elas são caracterizadas por surgirem, em grande medida, de modo substitutivo umas pelas outras e poderem trocar facilmente seus objetos. Em consequência dessas últimas propriedades, elas são capazes de realizações bem distantes de suas direções originais. (*Sublimação*)

A investigação sobre quais destinos as pulsões podem experimentar ao longo do desenvolvimento e da vida terá que ser restringida por nós às pulsões sexuais, mais bem conhecidas. A observação nos ensina os seguintes destinos pulsionais:

A inversão em seu contrário.

A volta contra a própria pessoa.

O recalque.

A sublimação.

Dado que não planejo tratar aqui a sublimação, e o recalque exige um capítulo especial, resta-nos apenas a descrição e discussão dos dois primeiros pontos. Em relação aos motivos que contrariam uma continuidade direta das pulsões, pode-se apresentar os destinos das pulsões também como espécies de *defesa* contra elas.

A *inversão em seu contrário* distingue-se, em uma observação mais próxima, em dois processos diferentes: na *mudança* de uma pulsão *da atividade para a passividade* e na *inversão de conteúdo*. Ambos processos devem ser tratados separadamente, pois são essencialmente diferentes.

Exemplos do primeiro processo são os pares de opostos sadismo–masoquismo e voyeurismo–exibicionismo. A inversão diz respeito apenas às *finalidades* da pulsão; para a finalidade ativa /220/ (torturar, observar), coloca-se a finalidade passiva (ser torturado, ser observado). A inversão de conteúdo encontra-se no caso da transformação do amor em ódio.

Queremos esclarecer a *volta contra a própria pessoa* através da idéia de que o masoquismo é um sadismo dirigido contra o próprio eu, a exibição inclui o observar do próprio corpo. A observação analítica não deixa qualquer dúvida de que o masoquista frui a agressão contra sua própria pessoa e o exibicionista, o desnudamento dela. O essencial no processo é, portanto, a mudança do *objeto* em uma finalidade que não se alterou.

Não nos pode escapar que a volta contra a própria pessoa e a mudança da atividade para a passividade nesses exemplos encontram-se ou coincidem. Para esclarecer as relações, é indispensável uma investigação mais profunda.

No par de contrários sadismo-masoquismo, pode-se apresentar o processo do seguinte modo.

a) o sadismo consiste em uma atividade violenta, de poder, contra uma outra pessoa como objeto.

b) este objeto é abandonado e substituído através da própria pessoa. Com a volta contra a própria pessoa, realiza-se também a transformação da finalidade pulsional ativa em passiva.

c) procura-se novamente uma pessoa alheia como objeto, que, em consequência da transformação da finalidade ocorrida, tem que assumir o papel de sujeito.

O caso (c) é o do assim comumente chamado masoquismo. A satisfação é alcançada nele também através do sadismo original, na medida em que o eu passivo desloca-se, pela fantasia, em seus locais anteriores, que agora são relegados ao sujeito alheio. É totalmente duvidoso que haja uma satisfação masoquista mais direta. Um masoquismo originário, que não surgisse do sadismo de acordo com essa maneira descrita, parece não /221/ existir.<sup>3</sup> Que a admissão da etapa *b* não seja supérflua, provém talvez do comportamento da pulsão sádica na neurose obsessiva. Aqui encontra-se a volta contra a própria pessoa sem a passividade frente uma outra. A transformação vai somente até a etapa *b*. Do vício de tortura, surge a auto-tortura, a auto-punição, não o masoquismo. O verbo ativo transforma-se não em passivo, mas, sim, em um meio reflexivo.

A concepção do sadismo é também prejudicada pelo fato de que essa pulsão, ao lado (talvez melhor: dentro) de sua finalidade geral, parece esforçar-se por uma ação propositada especial. Ao lado da humilhação, da violentação, o acréscimo de dor. Ora, a psicanálise parece mostrar que o acréscimo de dor não desempenha nenhum papel nas finalidades originais da pulsão. A criança sádica não toma em consideração o acréscimo de dor e não a intenciona. Mas se ocorreu a transformação em masoquismo, a dor pode muito bem ser uma finalidade masoquista passiva, pois temos todos os motivos para admitir que as sensações de dor, tal como outras de desprazer, estendem-se à excitação sexual e produzem um estado prazeroso, em função do qual o prazer da dor também pode agradar. Se a sensação de dor tornou-se uma finalidade masoquista, então também pode surgir, retrospectivamente, a finalidade sádica de acrescentar a dor, a qual, enquanto provocada em outro, é fruída masoquistamente na identificação com o objeto sofredor. Naturalmente, não se frui, em ambos os casos, a própria dor, mas, sim, a excitação sexual que lhe acompanha, e isso de forma particularmente confortável como sádico. A fruição da dor seria, portanto, uma finalidade masoquista

---

<sup>3</sup> [Acréscimo de 1924:] Em trabalhos posteriores (cf.: O problema econômico do masoquismo), vinculados aos problemas da vida da pulsão, forneci uma concepção oposta a essa.

originária, mas que somente em sádicos originários pode se tornar uma finalidade pulsional.

/222/ Para completar, acrescento que a *compaixão* não pode ser descrita como um resultado da transformação pulsional do sadismo, mas, sim, exige a concepção de uma *formação reativa* contra a pulsão (sobre a diferença, veja-se adiante).

Um resultado diferente e mais simples é proporcionado pela investigação de um outro par de contrários, das pulsões que têm como finalidade o observar e se mostrar. (Voyeur e exibicionista, na linguagem das perversões.) Aqui também pode-se colocar as mesmas etapas como no caso anterior: a) o observar como *atividade* dirigida a um objeto alheio; b) o abandono do objeto, a volta da pulsão de observar para uma parte do próprio corpo, conseqüentemente, a inversão em passividade e o surgimento de nova finalidade: ser observado; c) a colocação de um novo sujeito, ao qual se exhibe, a fim de ser observado por ele. Há pouca dúvida de que a finalidade ativa aparece antes da passiva, o observar antecede o ser observado. Mas um desvio significativo do caso do sadismo reside em que, na pulsão de observar, há uma etapa anterior à designada em *a*. A pulsão de observar é, na verdade, auto-erótica no início de sua atividade, ela tem certamente um objeto, mas o encontra no próprio corpo. Somente mais tarde ela será conduzida (por via de comparação) a trocar este objeto com um análogo do corpo alheio (etapa *a*). Essa pré-etapa é interessante pelo fato de surgirem dela ambas as situações do par de opostos resultante, segundo as quais acontece a mudança em outro lugar. O esquema para a pulsão de observar poderia ser:

$\alpha$ ) observar o próprio órgão sexual = o órgão sexual da própria pessoa ser observado	
$\beta$ ) observar o objeto alheio	$\gamma$ ) o próprio objeto ser observado por outra pessoa
(prazer ativo de observar)	(prazer de mostrar, exibição)

/223/ Uma tal etapa não existe no sadismo, que se dirige desde o início a um objeto alheio, apesar de que não seria absurdo construí-la a partir dos esforços da criança que pretende ser senhor de seus próprios membros.

Para ambos os exemplos de pulsão considerados aqui, vale a observação de que a transformação pulsional através de inversão da atividade em passividade e da volta contra a própria pessoa nunca acontece em toda a extensão da excitação pulsional. A direção ativa mais antiga permanece, em certa medida, ao lado das passivas mais recentes, mesmo quando o processo da transformação pulsional ocorre intensamente. A única afirmação correta sobre a pulsão de observar deveria ser que todas as etapas de desenvolvimento da pulsão, a pré-etapa auto-erótica, tal como a forma final ativa e passiva, permanecem lado a lado, e isso fica evidente se se toma o mecanismo da satisfação, em vez das ações pulsionais, como fundamento de avaliação. Talvez se justifique, ainda, um outro modo de compreensão e de explicação. Pode-se repartir cada vida pulsional em movimentos de mesmo tipo situados em momentos temporais distintos ou dentro de um mesmo período (qualquer), que se comportam reciprocamente como erupções lavais sucessivas. Então se pode imaginar, por exemplo, que a primeira e mais original erupção pulsional continuaria imutável e não experimentaria nenhum desenvolvimento. Um próximo movimento se submeteria a uma mudança, por exemplo a inversão para passividade, e se adicionaria então, com esse novo caráter, ao anterior, etc. Se se observa, assim, a excitação pulsional desde seu começo até

certo ponto, então a sucessão descrita dos movimentos tem que fornecer a imagem de um determinado desenvolvimento da pulsão.

O fato de que, naquele período posterior do desenvolvimento, ao lado de uma excitação pulsional, observa-se /224/ seu oposto (passivo) merece ser salientado pelo adequado nome introduzido por Bleuler: *ambivalência*. O desenvolvimento pulsional nos seria compreensível através da indicação da história do desenvolvimento da pulsão e da permanência das etapas intermediárias. A amplitude da ambivalência demonstrável varia empiricamente em alto grau em indivíduos, grupos humanos e raças. Uma farta ambivalência pulsional hoje pode ser concebida como uma herança arcaica, pois temos motivo para admitir que a porção de moções ativas e não transformadas na vida pulsional seria maior em tempos primitivos do que a média hoje em dia.

É nosso costume chamar de *narcisismo* a fase inicial de desenvolvimento do eu, durante a qual suas pulsões sexuais se satisfariam auto-eroticamente, sem colocar em discussão inicialmente a relação entre auto-erotismo e narcisismo. Então temos que dizer da pré-etapa da pulsão de observar, em que o prazer de observação tem o próprio corpo como objeto, que ela pertenceria ao narcisismo, seria uma formação narcísica. A partir dela desenvolve-se a pulsão ativa de observar, na medida em que ela abandona o narcisismo; a pulsão passiva de observar, entretanto, mantém o objeto narcísico. Do mesmo modo, a transformação do sadismo em masoquismo significaria um retorno ao objeto narcísico, enquanto em ambos os casos o sujeito narcísico é trocado, através de identificação, com um outro eu alheio. Com a consideração da pré-etapa narcísica construída do sadismo, aproximamo-nos, assim, do discernimento mais geral de que os destinos pulsionais da volta contra o próprio eu e da inversão de atividade em passividade são dependentes da organização narcísica do eu e trazem em si a marca dessa fase. Eles correspondem, talvez, às tentativas de defesa que são realizadas com outros meios em etapas superiores do desenvolvimento do eu.

/225/ Consideremos aqui, que nós até agora levamos em conta só os dois pares de contrários: sadismo–masoquismo e prazer de observação–prazer de mostrar. Eles são as pulsões sexuais que surgem de modo ambivalente mais bem conhecidas. Os outros componentes da função sexual posterior não são ainda acessíveis o suficiente à análise, a fim de que pudéssemos discuti-los de modo semelhante. Podemos dizer deles de modo geral que agem *auto-eroticamente*, isto é, seu objeto desaparece frente ao órgão, que é sua fonte e, via de regra, coincide com este. O objeto da pulsão de observação, embora inicialmente também uma parte do próprio corpo, não é, entretanto, o próprio olho, e no sadismo, o órgão-fonte, provavelmente a musculatura capaz de agir, aponta diretamente para um outro objeto, podendo ser também no próprio corpo. Nas pulsões auto-eróticas, o papel dos órgãos-fonte é tão decisivo, que, segundo uma interessante suposição de P. Federn e L. Jekels, a forma e a função do órgão decidem sobre a atividade e a passividade da finalidade pulsional.

A transformação de uma pulsão em seu oposto (material) é observada somente em um caso, na *inversão do amor em ódio*. Dado que ambos, de modo particularmente freqüente, surgem dirigidos ao mesmo objeto, tal coexistência fornece também o exemplo mais significativo de uma ambivalência de sentimento.

O caso de amor e ódio adquire um particular interesse devido à circunstância de que ele resiste à colocação na série de nossa apresentação das pulsões. Não se pode duvidar da íntima relação entre ambos os sentimentos opostos e a vida sexual, mas é preciso esforçar-se por evitar conceber o amar como uma pulsão parcial da sexualidade tal como as outras. Gostar-se-ia, em vez disso, de



considerar o amar como expressão de todo o esforço sexual, /226/ mas com isso também não se acerta e não se sabe como se pode entender um oposto material desse esforço.

O amar tem não apenas um, mas três opostos. Além da oposição amar–odiar, há outros: amar–ser amado, e, além disso, amar e odiar, tomados em conjunto, opõem-se ao estado de indiferença ou de desinteresse. Destas três oposições, a segunda, de amar–ser amado, corresponde totalmente à inversão da atividade para a passividade e permite a referência à situação fundamental tal como na pulsão de observar. Esta significa: *amar a si próprio*, o que para nós é a característica do narcisismo. De acordo com a troca correspondente do objeto ou do sujeito frente a outrem, surge o esforço ativo do amar ou o passivo do ser amado, do qual o esforço passivo permanece próximo do narcisismo.

Talvez, aproximemo-nos da compreensão das múltiplas oposições do amar se nos apercebermos que a vida psíquica em geral é regida por *três polaridades*, as oposições de:

Sujeito (eu)–objeto (mundo exterior).

Prazer–desprazer.

Ativo–passivo.

A oposição de eu–não-eu (externo), (sujeito–objeto), é, como já disséramos, imposta ao indivíduo bem cedo através da experiência de que ele pode silenciar os estímulos exteriores através de sua ação muscular, mas que, contra os estímulos pulsionais, ele está indefeso. Ele permanece, sobretudo na atividade intelectual, soberano e cria a situação fundamental para a pesquisa, que não pode ser mudada através de nenhum esforço. A polaridade de prazer–desprazer vincula-se a uma série de sensações, cujo significado insuperável para a decisão de nossas ações (vontade) já foi acentuado. A oposição de ativo–passivo /227/ não deve ser confundida com a de eu-sujeito–exterior-objeto. O eu comporta-se passivamente frente ao mundo exterior na medida em que recebe estímulos dele, ativamente, quando reage a eles. Ele é coagido a uma *atividade* totalmente especial frente ao mundo através de suas pulsões, de tal modo que se pode dizer, salientando o essencial, que o eu-sujeito seria passivo frente os estímulos externos e ativo através de suas próprias pulsões. A oposição ativo–passivo funde-se mais tarde com a de masculino–feminino, que, antes disso ocorrer, não tem nenhum significado psicológico. O atrelamento da atividade com a masculinidade e da passividade com a feminilidade aparece-nos como um fato biológico; mas ele não é, de forma alguma, tão regularmente disseminado e exclusivo quanto somos propensos a aceitar.

As três polaridades psíquicas passam pelas mais significativas ligações entre si. Há uma situação psíquica original, em que duas delas se encontram. O eu encontra-se originariamente, desde o começo da vida psíquica, investido psiquicamente e parcialmente capaz de satisfazer suas pulsões em si mesmo. Denominamos este estado de narcisismo, e a possibilidade de satisfação, de auto-erótica.<sup>4</sup> O mundo exterior não é, nessa época, investido com interesse (em termos gerais) e indiferente para a satisfação. Nesse período, portanto, o eu-sujeito

---

<sup>4</sup> Uma parte das pulsões sexuais é, como sabemos, capaz dessa satisfação autoerótica, e presta-se como suporte do desenvolvimento posterior que delineamos, sob a direção do princípio de prazer. As pulsões sexuais, que desde o início exigem um objeto, e as carências do eu, que nunca são satisfeitas auto-eroticamente, abalam, naturalmente, este estado e preparam o progresso. O estado narcísico originário não poderia tomar esse desenvolvimento se cada indivíduo não atravessasse um período de *abandono* e de *cuidados*, durante o qual suas carências impositivas seriam satisfeitas através da ajuda externa e, assim, impedidas de se desenvolverem.

coincide com o prazeroso, o mundo externo com o indiferente (eventualmente como fonte de estímulo de algo desprazeroso). Se definimos, inicialmente, o amar como a relação do eu com suas /228/ fontes de prazer, então a situação, na qual este ama somente a si mesmo e é indiferente perante o mundo, esclarece a primeira das relações opostas, nas quais encontramos o “amar”.

O eu não necessita do mundo exterior, na medida em que é auto-erótico, mas recebe objetos dele em consequência das experiências das pulsões de autoconservação e não pode deixar de perceber por um tempo os estímulos pulsionais internos como desprazerosos. Sob o domínio do princípio de prazer, realiza-se nele um desenvolvimento posterior. Ele recebe os objetos que se lhe apresentam, na medida em que são fontes de prazer, em seu eu, introjeta-os (segundo a expressão de Fereczi) e, por outro lado, repele de si o que em seu interior é causa de desprazer. (Veja-se adiante o mecanismo da projeção.)

O eu-real, que diferenciou o interno e o externo segundo um bom sinal objetivo, transmuta-se em um eu-prazer purificado, que coloca o caráter de prazer sobre cada outro. O mundo exterior divide-se para ele em uma parte de prazer, que ele incorporou, e um resto, que lhe é estranho. Ele separou do próprio eu uma parte componente que lança no mundo exterior e percebe como inimiga. De acordo com esta ordenação, o recobrimento de ambas as polaridades

eu–sujeito – com prazer

mundo exterior – com desprazer (inicialmente indiferença)

é novamente produzida.

Com a entrada do objeto na etapa do narcisismo primário, o segundo contrário do amar, o odiar, também alcança sua formação.

O objeto é trazido ao eu, como vimos, inicialmente pelas pulsões de autoconservação vindo do mundo exterior, e não se deve rejeitar a idéia de que o sentido originário do odiar também significa a relação contra o mundo exterior alheio e produtor de estímulos. A indiferença submete-se ao ódio, à rejeição, /229/ como um caso especial, depois de ela ter, primeiro, aparecido como precursora dele. O externo, o objeto, o odiado, seriam, desde o começo, idênticos. Se o objeto demonstra-se mais tarde como fonte de prazer, então é amado, mas também incorporado ao eu, de tal modo que para o eu-prazer purificado o objeto coincide novamente com o alheio e odiado.

Observemos, agora, também, que, tal como o par de opostos amor–indiferença espelha a polaridade eu–mundo exterior, assim a segunda oposição amor–ódio reproduz a polaridade prazer–desprazer ligada à primeira oposição. Após a dissolução da etapa puramente narcisista através da etapa do objeto, prazer e desprazer significam relações do eu com o objeto. Se o objeto se torna a fonte de sensações de prazer, então produz-se uma tendência motora que aproxima o primeiro do eu, que quer incorporá-lo a este; falamos então também da “atração” que o objeto prazeroso exerce, e dizemos que “amamos” o objeto. Ao contrário, se o objeto é fonte de sensação desprazerosas, uma tendência esforça-se por aumentar a distância entre ele e o eu, por repetir nele a tentativa originária de fuga perante o mundo exterior que emite estímulos. Sentimos o “golpe” do objeto e o odiamos; este ódio pode aumentar rumo a uma tendência de agressão contra o objeto, a uma intenção de aniquilá-lo.

Em último caso, poder-se-ia dizer de uma pulsão que ela “ama” o objeto, pelo qual ela se esforça para alcançar a satisfação. Mas soa estranho dizer que uma pulsão “odeia” um objeto, de modo que prestemos atenção para o fato de as relações de amor e ódio não serem empregáveis para as da pulsão com seus objetos, mas, sim, reservadas para a relação do eu-total [*Gesamt-Ich*] com os

objetos. A observação do uso lingüístico certamente com sentido mostra-nos, entretanto, uma outra limitação no significado de amor e ódio. Dos objetos que servem à autoconservação, não se diz que são amados, /230/ mas, sim, enfatiza-se que deles se necessita, e exprime-se o acréscimo de uma relação de outro tipo na medida em que se usam palavras que indicam um amor bastante enfraquecido, como: gostar de ter, de ver, achar agradável.

A palavra “amar”, portanto, move-se sempre mais na esfera da pura relação de prazer do eu ao objeto e fixa-se, finalmente, nos objetos sexuais em sentido estrito e nos objetos que satisfazem as carências de pulsões sexuais sublimadas. A separação entre pulsões do eu e sexuais, que impusemos a nossa psicologia, mostra-se, assim, conforme ao espírito de nossa linguagem. Se não estamos acostumados a dizer que a pulsão sexual particular ama seu objeto, mas encontramos a aplicação mais adequada da palavra “amar” na relação do eu a seu objeto sexual, então essa observação nos ensina que a empregabilidade dessa palavra nessa relação começa somente com a síntese de todas as pulsões parciais da sexualidade sob o primado das genitálias e a serviço da reprodução da espécie.

É notório que no uso da palavra “odiar” não apareça uma relação tão estreita com prazer e função sexuais, mas, sim, que a relação de desprazer seja a única decisiva. O eu odeia, repugna, persegue com intenções destrutivas todos os objetos que se lhe tornam fonte de sensações desprazerosas, indiferente se eles significam para ele uma recusa de satisfação sexual ou das carências de autoconservação. Pode-se até afirmar que os padrões corretos para a relação de ódio não derivam da vida sexual, mas, sim, da luta do eu por sua conservação e afirmação.

Amor e ódio, que se nos apresentam como opostos materiais totais, não se encontram, entretanto, em uma relação simples um com o outro. Eles não surgiram da cisão de uma unidade originária, mas, sim, têm diferentes origens e cada um atravessou seu próprio desenvolvimento, antes de eles /231/ formarem oposições sob a influência da relação de prazer e desprazer. Resumamos, aqui, o que sabemos da gênese do amor e do ódio.

O amor provém da capacidade do eu de satisfazer uma parte de suas excitações pulsionais auto-eroticamente, através do alcance do prazer do órgão. Ele é originalmente narcisista, expande-se então aos objetos, que são incorporados ao eu ampliado, e exprime o esforço motor do eu por esses objetos como fontes de prazer. Ele se liga intimamente com a atividade das pulsões sexuais posteriores e coincide, quando sua síntese está completa, com a totalidade do esforço sexual. As pré-etapas do amor surgem como finalidades sexuais provisórias, enquanto as pulsões sexuais atravessam seu complexo desenvolvimento. Como a primeira de suas formas reconhecemos o *incorporar* ou *devorar*, uma espécie de amor que é compatível com a supressão da existência particular do objeto, portanto que pode ser caracterizado como ambivalente. Na etapa posterior da organização sádico-anal pré-genital, o esforço pelo objeto surge na forma do ímpeto de dominação, ao qual é indiferente o dano ou anulação do objeto. Esta forma e pré-etapa do amor dificilmente se separa do ódio em seu comportamento perante o objeto. Somente com a produção da organização genital, o amor se tornar o oposto do ódio.

O ódio é, como relação com o objeto, mais antigo que o amor; ele surge da rejeição originária, por parte do eu narcisista, do mundo exterior que produz estímulos. Como manifestação da reação de desprazer produzida pelo objeto, ele permanece sempre em íntima relação com as pulsões da autoconservação, de tal modo que as pulsões do eu e sexuais podem facilmente entrar em oposição, que repete a entre ódio e amor. Se as pulsões do eu dominam a

função sexual, como na etapa da organização sádico-anal, então elas emprestam à finalidade pulsional também o caráter do ódio.

/232/ A história de surgimento e de relação do amor torna-nos compreensível que ele aparece com tanta freqüência “ambivalente”, ou seja, na companhia de excitações de ódio contra o referido objeto. O ódio que acompanha o amor provém, em parte, da pré-etapa não totalmente ultrapassada do amor; por outro lado, ele é fundado nas reações de rejeição das pulsões do eu, que podem recorrer, nos freqüentes conflitos entre os interesses do eu e do amor, a motivos reais e atuais. Em ambos os casos, o ódio acrescentado retrocede à fonte das pulsões de autoconservação. Se a relação de amor com um determinado objeto é rompida, então não raramente surge ódio em seu lugar, o que nos dá a impressão de uma transformação do amor em ódio. A partir dessa descrição chega-se à compreensão de que aí o ódio motivado efetivamente é reforçado pela regressão do amor à pré-etapa sádica, de tal modo que o ódio mantém um caráter erótico e a continuidade de uma relação de amor fica garantida.

A terceira oposição do amor, a transformação do amar em ser amado, corresponde à influência da polaridade de atividade e passividade e se submete à mesma descrição como os casos da pulsão de observar e do sadismo. Podemos salientar, resumindo, que os destinos das pulsões consistem essencialmente no fato de que as *excitações pulsionais sofrem as influências das três grandes polaridades da vida psíquica*. Dessas três polaridades, pode-se caracterizar a de atividade–passividade como *biológica*, a de eu–mundo exterior como *real* e, finalmente, a de prazer–desprazer como *econômica*.

O destino pulsional do *recalque* formará o objeto de uma investigação complementar.